

REVISTA

ADVENTISTA

«Até que todos cheguemos à unidade da fé, ao conhecimento do Filho de Deus» (Efésios 4:13)

N.º 43

NOVEMBRO

DEZEMBRO

DE 1947

SUMÁRIO

A História foi predita, por *Raymond Beach*

Leituras para a Semana de Oração

(continuação):

Quarta-feira, 3 de Dezembro de 1947 — **A presente oportunidade das Missões**, por *W. R. Beach*

Quinta-feira, 4 de Dezembro de 1947 — **Dedicaei os vossos recursos ao acabamento da obra**, por *E. F. Hackmas*

Sexta-feira, 5 de Dezembro de 1947 — **O significado do nosso tempo para a Juventude Adventista**, por *L. A. Skinner*

Sábado, 6 de Dezembro de 1947 — **Levantai-vos e acabai a obra**, por *J. L. McElhany*

Missão Cabo-verdiana — Uma importante carta

A Juventude Adventista na Roménia, por *J. J. Aitken*

Preparemos um Novo Ano, por *A. Dias Gomes*

A Missão Açoriana movimenta-se!

PREÇO:

1\$50

A História foi predita

Não é necessário procurar muito profundamente nem entregar-se a hábeis cálculos para estabelecer, com evidência, que Deus fala realmente conforme a palavra profética. Desta maneira, é somente à luz da profecia que nós podemos compreender a história humana. Não faltam sombras e precipícios, mas a palavra profética é a lâmpada que alumia nas trevas. Um escritor disse acerca disto:

«Lede o livro de Daniel. Examinai ponto por ponto a história dos povos que aí são descritos. Admirai as nações, os concílios, as armadas poderosas e vede como Deus é chamado para abaixar o orgulho dos homens e reduzir a pó toda a glória humana.»

Que procissão de séculos em marcha desfila diante de nós, quando vemos a história cumprir a profecia!

Nos dias da antiga Babilónia, houve grande abundância de luz profética. Daniel, o profeta a princípio exilado, depois ministro da Corte de Babilónia, viu revelar, página por página, toda a história do futuro. Em certa conjuntura, o profeta declara ao grande rei:

«Há nos céus um Deus que revela os segredos, e que faz conhecer ao rei Nabucodonosor o que acontecerá na seguida dos tempos.» (Daniel 2:28).

Interpretando o sonho do rei, o profeta prediz toda a história do mundo até ao fim. Ele mostra a ascensão e queda da Babilónia, da Pérsia, da Grécia e de Roma. Portanto, da exactidão deste breve esquema, recolhido pela Escritura dos tempos recuados — encontrando-se no texto dos vocábulos matemáticos — um historiador escocês, contemporâneo, Dr. S. A. Wylie, escreveu:

«Este sonho mostra vinte e cinco séculos de uma só vez. Todo o futuro nos é exposto em miniatura, e se tomarmos o microscópio da história para examinar o quadro, cada feito particular aparece-nos nos seus pormenores. Reinos, autoridades e batalhas, tudo foi compreendido no sonho e aparece claramente. As páginas de Heródoto e Xenofonte, de Tito-Lívio e de Tácito, de Gibbon e de Niebuhr não são mais que a reprodução de uma grande escala de tudo o que foi de princípio mostrado por Daniel. Que fizeram todos os séculos depois, senão desenrolar o pergaminho profético? Que são os milhares de livros da história, que reforma o mundo, senão a interpretação deste sonho? Que prova que só a Omnisciência pôde conceber este sonho!» (*The Great Exodus*, pág. 90).

Não há, evidentemente, mais do que uma única resposta a uma tal narrativa. Só o Deus do céu pôde revelar estas coisas a Daniel antes do seu cumprimento.

Todavia, Daniel fez ainda mais. Dois séculos antes que Alexandre e seus gregos tivessem derrubado o império medo-persa, ele descrevia a chegada do Ocidente do «rei da Grécia.» (Daniel 8:20; 21). Na sua marcha triunfante Alexandre passa por Jerusalém. Os Israelitas tinham-no irritado de qualquer maneira.

Mas Josefo relata que logo que Alexandre se aproxima da cidade as portas se abriram e um cortejo de padres e de cidadãos avança ao encontro do conquistador. Os padres traziam os rolos do profeta Daniel. O historiador acrescenta:

«Quando lhe mostram o livro em que Daniel declarava que um grego destruiria o império persa, supôs que se tratava dele; no meio do seu contentamento...

pediu-lhes que indicassem os favores que mais lhes agradassem.» (Antiquite, II, cap. 8).

Alexandre conhecia suficientemente os oráculos gregos e a sua ambiguidade. Mas não tinha aqui nada de semelhante. As palavras do profeta, escritas dois séculos depois, indicam claramente a marcha da história. A profecia cumpria-se aos olhos desta geração. O conquistador soube que o Deus do céu lhe tinha dado testemunho no apogeu do seu curso. E neste instante ele inclinou-se diante do Deus vivo.

Os escritos antigos nomeiam os três filhos de Noé, cujos descendentes povoariam a Terra depois do dilúvio: Cam, Sem e Japhet (Gén. 9:19). E antes mesmo que eles tivessem começado a espalhar-se sobre a Terra, a profecia predisse que os filhos de Japhet ocupariam o maior lugar. «Deus aumentará as possessões de Japhet.» (Gén. 9:27).

Não é uma questão de preferência. «Deus não faz acepção de pessoas». «Ele tirou do mesmo sangue todas as nações da Terra». Mas nós vemos a profecia cumprida. E hoje os filhos de Japhet têm o melhor lugar sobre a Terra.

Há perto de quarenta séculos que um jovem, Ismael, crescia na Ásia Menor. A profecia declara que ele e os seus descendentes deviam:

ser uma «grande nação»,
viver uma vida selvagem e independente,
entrar muitas vezes em conflito,
perpetuar-se através dos séculos entre as outras
nações (Gén. 16:12; 17:20).

É o que veio das tribos árabes de Beduínos. Ainda hoje lá estão. O sábio Dr. Tomás Newton escreve a este respeito:

«Os grandes impérios que os rodeavam caíram alternadamente em ruínas; mas eles subsistem, iguais a eles desde o começo;... Eles são como os judeus os únicos que procederam como uma raça distinta desde o seu início.» (*Dissertations sur les Prophéties*).

Falta-nos o lugar para continuar. Todo o livro está cheio destas coisas. A profecia dá um testemunho indiscutível que o Deus vivo fala nas Santas Escrituras.

«Eu te anunciei desde longo tempo estas coisas, eu as declarei antes que elas chegassem, a fim de que tu não dissesses: É o meu ídolo que as faz.» (Ez. 48:5).

Alguns acreditam no acaso. Os antigos adoravam realmente um tal deus. E no nosso século de ciência e de luz, muitos crêem que o mundo é regido pelo acaso. Pensam que as coisas acontecem por acaso.

Mas não! A segura «palavra profética» mostra que o «Altíssimo reina para os homens» e que Ele apressa o dia onde todo o mal e todo o pecado terão desaparecido. No seu amor e na sua misericórdia, no seu desejo de salvar os homens, o Senhor, na Escritura, acumulou as provas a fim de vencer o nosso coração obstinado, que o Deus vivo é o autor do santo Livro e que o Cristo Jesus, é o vivo Salvador dos homens.

RAYMOND BEACH

SEMANA DE ORAÇÃO

(CONTINUAÇÃO)

Quarta-feira, 3 de Dezembro de 1947

A presente oportunidade das Missões

por W. R. BEACH

«E, vendo a multidão, teve grande compaixão deles, porque andavam desgarrados e errantes, como ovelhas que não têm pastor. Então disse aos Seus discípulos: A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara». (S. Mat. 9:36-38).

As duas guerras mundiais, com as suas trágicas consequências de privações e desilusões, culminando pela descoberta da energia atômica, operaram por toda a parte uma profunda mudança, quer nos homens, quer nas mulheres, assim como também no próprio mundo em que vivemos. De facto, em todos os países da Terra há milhões que compreendem, primeiro que tudo, que foram conduzidos às portas da ruína, e, em segundo lugar, que não há nada que eles ou os seus companheiros possam fazer, para evitar o desmoronar da nossa civilização, apesar dos sedutores planos que se propõem a estabelecer uma nova e melhor organização mundial. Esta dupla convicção é acompanhada ainda pelo desânimo e pelo cansaço ocasionados pelas actuais condições. Em todas as cidades e aldeias o povo está des-norteado, abatido pelos incontáveis sofrimentos e privações a que tem sido sujeito. Eles aspiram por palavras de encorajamento, por alguma explicação satisfatória, de forma a poderem encarar o futuro com confiança. Referindo-se a este fenómeno social, disse Stuart Chase:

«Vós podeis ouvir um rugido surdo de descontentamento reecoando em volta do mundo». Ao passo que outro escritor resumiu a situação nas seguintes palavras:

«Quem pode medir o sofrimento e a tristeza de todas as civilizações destruídas, de todos os lares desmantelados, de todas as famílias separadas, das crianças inválidas e a perecerem à fome, dos soldados feridos, dos mutilados e dos cegos? Tristeza sobre tristeza, tragédia sobre tragédia, a mente humana falha em compreender, em toda a sua grandeza, a desgraça que sobrevém à humanidade. O peso terrível de todas essas misérias oprime o mundo como cadeias de chumbo. Dos corações angustiados dos homens eleva-se até aos céus um clamor: «Até quando, ó Senhor? Até quando?»

Muitos se riam perante a afirmação de que a volta de Cristo é a única esperança do mundo, mas agora já não se riam. Este quadro de devastação, sofrimento e miséria modificou a sua opinião. Hoje, homens e mulheres de todas as categorias, desejam saber o que o Senhor tem para dizer acerca dos futuros acontecimentos mundiais, e, muitos deles, querem também saber o que Ele tem para lhes dizer.

Há poucos meses atrás eu fui convidado pelo pastor de uma das nossas igrejas para visitar uma senhora idosa. Ela tinha experimentado todos os sofrimentos de que falei. Tinha sobrevivido ao bombar-

deamento e ao incêndio que destruíra a sua aldeia. Sabia o que era ser obrigada a esconder-se em covas enlameadas e em subterrâneos húmidos e durante semanas sem fim tinha feito parte daquela desesperançada caravana de refugiados que se estendia através da Europa, como uma enorme serpente sujeita às torturas do sofrimento humano. Toda esta história estava escrita na sua face. Eu senti-me um tanto ou quanto desamparado na sua presença, porque me parecia que ela tinha vivido tanto, ao passo que eu, apesar de tudo, tinha visto tão pouco.

— Em que lhe posso ser útil? — perguntei. — Quer que lhe leia a palavra de Deus?

A resposta veio prontamente:

— Sim, por favor leia-me a palavra de Deus. Fale-me acerca do Céu.

Hoje, o povo toma interesse pelo Céu. Há alguns anos atrás, até mesmo os ministros, em petulante contraste com os seus ensinamentos, estavam mais interessados em boas habitações cá na Terra do que nas mansões celestiais. Mas agora operou-se uma mudança. A. W. Blackwood escreve: «Um evangelho só para este mundo é um fragmento muito pequeno... Nós devemos voltar-nos agora para esta verdade bíblica acerca do Céu». O diário italiano *Il Progresso d'Italia*, Bolonha, estava-se referindo à mesma necessidade, quando um artigo que saiu no meio da primeira página,

era encimado pelo título: «O adventismo tem a chave para o futuro religioso do homem».

Esperando ser recolhidos

Que bela oportunidade para o movimento adventista, quando o povo quer ouvir acerca do Céu e está falando sobre ele, de fazer soar por terra e mar as alegres novas da vinda de Cristo e do estabelecimento do eterno lar! Quando «por todo o mundo há homens e mulheres olhando ansiosamente para o Céu», quando «orações, lágrimas e perguntas sobem da alma, ansiando por luz, por graça e pelo Espírito Santo», deveriam as nossas próprias almas ser impulsionadas a agir». A mensageira do Senhor acentua o desafio de uma tal situação: «Muitos estão às portas do reino, esperando somente serem recolhidos.» (*Acts of the Apostles*, pág. 109).

Verdadeiramente, o desafio de evangelização do mundo é grande, visto que muitos olham ansiosamente para os céus e esperam somente ser recolhidos. Os povos estão cansados desta vida de contínuo desapontamento. Durante meses sem fim tem acariciado ardentemente planos que, postos à prova, têm falhado sempre. Anseiam agora por descanso, por paz da mente e consolação para os seus corações doloridos. Compreendem que o que necessitam só pode vir de uma fonte fora e acima da inquietação e incerteza deste mundo e que isso deve vir depressa. Este sentimento universal é, repito, um desafio especial desta hora para o movimento adventista, é uma poderosa intimação dizer: «Levanta-te e evangeliza». Os povos andam desgarrados e errantes. Nós devemos mover-nos de íntima compaixão e lançar-nos

à tarefa de guiá-los ao redil eterno do Bom Pastor.

Qual é a resposta do povo de Deus a um tal chamado? Como medimos nós a responsabilidade que pesa sobre nós? Haverá esperança de que nos levantemos na ocasião oportuna e avancemos até à vitória final?

Não vivemos num tempo comum. O Irmão A. Murampi, presidente da Conferência do Este da Hungria, escreveu recentemente: «A chuva serôdia está sendo derramada tal como o Espírito de Profecia o predisse». Referia-se ele às centenas de almas que se estavam unindo rapidamente às suas igrejas, à medida que obreiros e membros se apressavam de casa em casa abrindo a palavra de Deus às pessoas interessadas.

Progresso a Leste e a Oeste

Notícias chegadas até nós vindas da Austrália, relatam que nunca houve ali melhores oportunidades para salvar almas, tanto no Continente como nas ilhas do Sul do Pacífico. Os directores das Missões da Nova Guiné, ilhas de Salomão, Novas Hébridas, Fiji e outros grupos, todos são unânimes em declarar que há, presentemente, da parte dos nativos, uma grande inclinação para as coisas de Deus. O missionário R. A. Thrift, director de Papua, campo da Nova Guiné, a segunda ilha do mundo em extensão, escreveu recentemente ao Irmão W. G. Turner, presidente da Divisão Australiana, e dizia:

«A obra espiritual é muito animadora. Em Ramu há verdadeiras evidências da acção do Espírito Santo. Em Manus a obra é muito inspiradora, ao passo que em Mandang temos muitos motivos de encorajamento». As áreas menciona-

das são grandes e importantes. Dentro daqueles territórios há muitos milhares de pessoas, entre as quais está aumentando o número de crentes, cuja conduta perante as duras provas a que foram sujeitos durante a guerra foi muito recomendável. Sobre este ponto leiamos um comentário do Irmão Turner:

«Devido à incompreensível atitude dos mestres nativos e às vidas impecáveis dos nossos membros e simpaticizantes nas áreas ocupadas pelas forças militares durante a guerra, há uma grande parte de oficiais do governo que são favoráveis à nossa obra e estão fazendo muito para o progresso da mesma».

O presidente da Divisão Australiana também nos mandou uma declaração do missionário H. White, director da obra nas ilhas de Salomão, onde ocorreram tantas devastações durante a guerra:

«Avistei-me recentemente com o Alto Comissário para o Oeste do Pacífico e com o Residente Comissionário para as ilhas de Salomão, e ambos foram bastante prestáveis ao discutirmos em conjunto os nossos planos de trabalho. Avisaram-me que desejam abrir-nos um novo território para as nossas actividades missionárias na Malaíta, a mais populosa das ilhas de Salomão. São verdadeiramente animadoras as perspectivas da nossa obra ali. Recebemos há pouco uma numerosa delegação de homens daquela ilha. Vieram apresentar-nos as suas necessidades e expressar a sua alegria pelos nossos planos para nos estabelecermos entre o seu povo, onde pensamos desenvolver tanto a obra evangélica como a obra médica.

«Guadalcanal oferece também um futuro muito promissor. Temos já asseguradas instalações para a nossa sede, que ficará mesmo junto do Centro Administrativo do Governo».

E assim a nossa obra na Australásia vai avante com fé sempre crescente, maiores perspectivas e mais encorajamento. Os nossos directores estão abrindo caminho para avançar com poder debaixo da direcção de Deus.

Agora desloquemo-nos para o Oeste e vejamos o trabalho na Divisão Inter-Americana. Esta parte do campo mundial ocupa uma vasta extensão de território. A distância que separa o extremo norte do extremo sul é aproximadamente de seis mil milhas. Esta divisão cobre vinte e sete países diferentes.

Presentemente há ali, aproximadamente, sessenta mil membros



M. V. de Ponta Delgada em 1947

baptizados, além de mais vinte e cinco a trinta mil que frequentam as classes baptismas ou fazem parte da escola sabatina, preparando-se para entrarem na igreja.

A parte deste campo onde o presente triunfo do movimento adventista é mais evidente, é sem dúvida na ilha de Jamaica. Têm-se passado coisas extraordinárias na Jamaica, segundo os relatórios do Irmão Calkins, presidente dessa divisão.

«Na pequena ilha de Jamaica, — escreve ele — a qual tem somente 144 milhas de comprimento e 35 milhas de largura, no ponto mais largo, temos agora organizadas 198 igrejas, ou seja à média de uma por, aproximadamente, cada três quartos de milha da extensão total da ilha.

O número de membros baptizados na Jamaica anda perto dos doze mil e cresce rapidamente. Cada obreiro tem que cuidar uma média de trinta igrejas, o que quer dizer que há ali uma grande falta de obreiros. Mas temos desenvolvido na Jamaica, bem como noutras ilhas, um exército de obreiros leigos bem treinados. Na Divisão há agora perto de mil que passaram pelas nossas escolas de treino missionário, estando inteiramente preparados para pregar a mensagem.

Com o auxílio desinteressado destes Irmãos têm-se obtido bons resultados. Além disso treinam-se mais de dois mil obreiros bíblicos e professores leigos, os quais estão ajudando os pregadores leigos».

O Irmão Calkins continua com um relatório sobre o número de novas igrejas que têm sido edificadas. Só num dia, o dia 8 de Dezembro de 1946, catorze novas igrejas foram consagradas, e haveria ainda mais três, fazendo um total de dezassete, se o tempo o tivesse permitido.

«O curso bíblico por correspondência na Jamaica — conclui o Irmão Calkins — está sendo levado avante rapidamente. Há já para cima de vinte e cinco mil membros inscritos. Algumas centenas deles tomaram já a sua decisão aceitando o sábado do sétimo dia e fazendo planos para se juntarem ao povo de Deus, ao passo que um grande número foi já baptizado».

O que acontece na Jamaica, passa-se, até certo ponto, também noutras partes da Divisão Inter-Americana. A causa do advento está avançando tão rapidamente e as perspectivas são tão prometedoras, que os Irmãos esperam realizar ali dez mil baptizados em 1947. Pensa-se no que sejam dez mil baptizados

num ano! Isto só podia acontecer no nosso tempo assombroso de oportunidades, um tempo em que todos os recursos do advento estão sendo dispostos e empregues na batalha final pela verdade.

Hoje, até mesmo as crianças estão fazendo a sua parte, à semelhança do que aconteceu no passado, nos dias da reforma.

Isto dá-se principalmente na Divisão Sul-Americana, onde se têm registado casos maravilhosos de conversões através dos esforços dos jovens e das crianças. Uma carta recebida recentemente do Irmão R. R. Figuhr, presidente dessa divisão, relata como o Senhor usou uma criança para conduzir à verdade pessoas mais velhas.

«Uma menina de cerca de doze anos assistiu a uma reunião, onde os obreiros apresentavam quadros,



Baptizando o jovem David, em Angra - 1947

incluindo alguns representando a Nova Terra. O seu pequeno coração foi tocado e nasceu nela o desejo de ter um lugar naquela Terra melhor. Voltando para casa contou aos pais o que tinha visto e expressou o seu desejo de vir um dia a habitar no lar celestial. Os pais não mostraram interesse algum pelo que a criança disse. Algum tempo depois a pequena adoeceu e morreu, mas as suas últimas palavras foram para dizer que desejava ir para o lar celestial quando Jesus viesse. Isto impressionou sobremaneira os pais, que logo depois do funeral passaram a frequentar fielmente as reuniões na nossa igreja. O seu interesse aumentou, os seus corações foram tocados e agora são ambos membros baptizados, aguardando o lar celestial, pelo qual a sua filha suspirava».

Noutras partes da América do Sul está o Espírito de Deus abrindo caminho através mesmo das barreiras dos preconceitos.

O Irmão Manrique, tesoureiro da Missão do Alto Amazonas, relata a experiência passada numa parte do campo em que o catolicismo estava fortemente arraigado.

«Acabámos de voltar da parte mais católica do Peru, no Alto Amazonas. O primeiro obreiro que ali esteve viu-se obrigado a abandonar o território devido à forte oposição que lhe moveram. Desde então o trabalho foi deixado a cargo do Irmão Alomia, um nativo, que ali começou a ir em excursões regulares, visitando o povo nas cidades e nas vilas. Depois de algum tempo eles começaram a interessar-se pela verdade e hoje podem encontrá-los de Bíblia na mão pelas estradas ou pelos caminhos, falando do evangelho e da segunda vinda de Cristo. Encontrámos ali 263 pessoas já preparadas para o baptismo e há muitos mais frequentando a escola sabatina.

Relatório da Roménia e da Alemanha

E assim podemos viajar de continente para continente, de país para país, em volta do círculo da vitoriosa obra adventista que rodeia o nosso globo, acumulando nos seus registos sucesso após sucesso. Isto é maravilhoso!

Devo ainda falar de mais dois campos. Eles são uma prova do que se pode fazer através de planos audaciosos e corajosos, apesar das rudes provas a que a guerra os submeteu. Estou pensando na Roménia e na Alemanha.

Os últimos dez anos têm sido de grandes dificuldades para a Roménia, as quais aumentaram durante a guerra. Muitas das nossas igrejas foram obrigadas a fechar. Perto de quatro mil membros foram encerrados em prisões. A casa publicadora foi requisitada pelo governo. O nosso belo instituto de treino missionário em Brashow foi conquistado e entregue à igreja ortodoxa para ser usado como escola de raparigas. Houve muitas dificuldades, mas, apesar disso, os nossos irmãos dali permaneceram fiéis e leais às verdades que haviam aceitado, modificando e adaptando novos planos de acção, vencendo obstáculos, e posso dizer com alegria que os seus esforços têm sido abençoados por Deus. Eis uma nota pessoal recebida do irmão D. Florea, presidente da União Romena:

«Temos esperado pela sua visita como a sentinela aguarda os primeiros raios da luz da manhã. Sentimo-nos um pouco desamparados e ansiamos pela comunhão espiritual com os irmãos de além-fronteiras. Entretanto nós temos tido alguns dos nossos maiores êxitos. Realizámos um total de quatro mil baptismos no ano de 1946. O Senhor está derramando aqui o Seu Espírito. As perdas de membros ocasionadas pela guerra e pelas novas fronteiras estão hoje já equilibradas. Há agora aqui vinte mil membros baptizados e mais de trinta mil que observam o Sábado».

O irmão A. Mink, um dos obreiros veteranos da obra na Europa Central, falando em nome dos 31.278 membros da igreja na Alemanha, resume assim a situação ali:

«Quão agradável é para nós o renovado contacto com a igreja de Deus! As nossas almas sentem-se amparadas e fortalecidos os nossos corações. Nós acreditamos também que, de facto, o povo de Deus não está desprovido de entranhas de misericórdia. Como é maravilhoso tudo o que o Senhor nos tem permitido fazer aqui. Agora encaramos o futuro com a esperança de um maior êxito, se bem que o ano de 1946 não foi desprovido de êxito. No meio de grande aflição, e posso acrescentar, na nossa grande pobreza, conseguimos durante 1946 ganhar na Alemanha 3.014 almas para Deus».

E é assim, irmãos, que se vai ao encontro da grande presente oportunidade de salvar as almas para o reino dos céus. Elaboram-se novos planos, estudam-se novos métodos. O rádio, a escola bíblica por correspondência, a página impressa, campanhas da juventude — tudo isto e ainda mais está sendo feito rapidamente para tornar mais eficiente o trabalho em conjunto com os já experimentados métodos do passado, de forma a proclamar a nova do triunfo final da verdade. A resposta do povo do Senhor ao apelo de Deus é encorajadora, mas uma grande tarefa está ainda diante de nós por realizar. Jesus disse: «A seara é grande...».

«Chegámos ao tempo oportuno para a obra das missões no estrangeiro», disse o Dr. Ralph E. Diffendorfer na conferência das Missões no estrangeiro, em Janeiro deste ano. «A igreja — continuou ele — devia interessar-se profundamente pelas missões e esforçar-se por superar as necessidades da hora. Grandes quantias deveriam juntar-se para aumentar quatro ou cinco vezes as presentes actividades das missões. Esta é uma época de oportunidades como nunca houve antes».

Nós devemos também aumentar quatro ou cinco vezes a actividade das missões, se queremos ir ao encontro das presentes oportunidades e marchar vitoriosamente ao encontro do Senhor. Para o conse-

guirmos precisamos ter os nossos olhos postos na seara do mundo. Devemos renovar cada dia a con-frangedora visão de um mundo perdido e permitir que o amor de Cristo toque os nossos corações e assim possamos ser movidos de íntima compaixão. Devemos ter constantemente diante de nós o espectáculo de milhões de pecadores que andam errantes pelo vale da sombra da morte. E então contemplar o cimo do Gólgota, onde uma cruz foi colocada para que ali o Senhor oferecesse a sua vida em favor do pecador perdido.

Primeiro uma visão, depois uma missão. É este o caminho do êxito seguro. Este foi o caminho dos discípulos, segundo nós vemos no Novo Testamento. Eles tinham a glória que brotava da face d'Aquele que tinha feito algo de maravilhoso por eles. Eles tinham visto o Senhor no alto da cruz. Eles vieram junto do Crucificado como pecadores impenitentes. Saíram de junto d'Ele como suas testemunhas, transbordando de júbilo.

Não queremos nós abrir hoje os nossos corações, dedicando as nossas vidas ao serviço, orando para que Deus nos envie como filhos Seus a trabalhar na seara do mundo, de forma que a igreja não sofra a derrota, mas cumpra gloriosamente a sua tarefa para este tempo em que é chegada a sua hora de resplandecer?

Quinta-feira, 4 de Dezembro de 1947

Dedicaei os vossos recursos ao acabamento da obra

por E. F. HACKMAS

DIZ-SE que Horaco Bushnell, um dos primeiros pregadores americanos, declarou há dezenas de anos atrás: «Mais um reavivamento, só mais um é preciso, o reavivamento da mordomia cristã, a consagração a Deus do poder do dinheiro. Quando se der tal reavivamento, o reino de Deus virá num dia». É uma afirmação um pouco ousada, contudo, tomada à luz das

promessas de Deus na Bíblia e no Espírito de profecia, ela tem a sua razão de ser.

«Honra ao Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de toda a tua renda; e se encherão os teus celeiros abundantemente, e transbordarão de mostos os teus lagares.» (Prov. 3:9, 10).

Falando dos resultados da fidelidade em restituir a Deus aquilo que

lhe pertence em dízimos e ofertas, a serva do Senhor disse: «Se o nosso povo tivesse o amor de Deus no coração, se cada membro de igreja estivesse embaído com o espírito de abnegação, não haveria falta de fundos, quer na pátria, quer nas missões. Os nossos fundos multiplicar-se-iam. Abrir-se-iam milhares de portas, onde nós seríamos convidados a entrar. Tivesse o pro-

pósito de Deus já sido levado avante dando a mensagem de misericórdia ao mundo, Cristo já teria vindo e os santos teriam recebido já as boas-vindas na cidade de Deus.» (Mrs. E. G. White — *Review and Herald*, Dezembro 24, 1903).

«Se todos os dízimos do nosso povo fossem encaminhados para a tesouraria do Senhor, como deveriam, seriam recebidas tais bênçãos que dádivas e ofertas para a causa de Deus seriam dez vezes maiores.» (*Testemunhos*, vol. 4, pág. 474).

As possibilidades que Deus tem dado ao Seu povo no plano da benevolência sistemática são imensas.

Há dinheiro suficiente na igreja remanescente que, se fosse consagrado ao acabamento da obra, levaria rapidamente esta mensagem «a toda a nação, povo, tribo e língua».

Deus não nos daria um trabalho mundial a realizar, para nos deixar depois sem suficientes recursos para desempenharmos tal tarefa. Deus concede os poderes necessários ao cumprimento de todas as Suas ordens. O mesmo Deus que multiplicou os pães e os peixes nas mãos dos discípulos, quando eles alimentaram a multidão, pode outra vez operar esse milagre, multiplicando os nossos recursos, se nós estivermos de acordo com os Seus

e se tivessem integrado verdadeiramente na sua mordomia. Ao dizer isto, eu não quero insinuar a ideia de que Deus depende de nós para cumprir os Seus propósitos. «Ele poderia pregar a Sua palavra e cada filho da pobreza tornar-se-ia rico. Num momento Ele poderia curar a raça humana de todas as suas enfermidades. Ele podia dispensar todos os ministros e tornar os anjos embaixadores da Sua verdade. Deus podia escrever a verdade sobre o firmamento, ou imprimi-la nas folhas das árvores ou sobre as flores do campo. Podia ainda em alta voz proclamá-la dos céus. Mas o Omniscente Deus não escolheu qualquer desses meios. Ele sabia que o homem deve ter alguma coisa para fazer, de forma que a vida possa ser uma bênção para si mesmo. O ouro e a prata são do Senhor e Ele podia fazê-los chover dos céus, se assim o quisesse.

Em vez disso, Ele tornou o homem Seu dispensário, depositando nas suas mãos talentos, não para serem amontoados, mas para serem usados em benefício do nosso semelhante. Tornou assim o homem um meio pelo qual distribui as Suas bênçãos sobre a Terra.» (*Testemunhos*, vol. 4, págs. 472-473).

A nossa grande tarefa mundial

Há ainda outra razão pela qual os Adventistas do Sétimo Dia deveriam, acima de todos os outros cristãos, contribuir liberalmente para manter cada fase da obra, tanto na pátria, como no estrangeiro. Isso pode-se resumir por um versículo das Escrituras. «E, a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá.» (Lucas 12:48). Cada irmão devia sentir este texto suspenso sobre si mesmo como um julgamento diário. Deveríamos sentir-nos corresponder àquilo que Deus nos tem dado e sentir-nos *responsáveis* pelo que é requerido de nós.

Dentre todos os povos do mundo, Deus abençoou especialmente a igreja remanescente. Enquanto o mundo caminha em trevas e confusão, eis aqui um povo que é filho da luz, filho do dia.» (II Tess. 1:5). Sobre nós foi derramada a luz que se acumulou durante séculos. Contudo, estas verdades não nos foram dadas somente para nós e nossos filhos. «As mais solenes verdades, jamais confiadas aos mortais, foram-nos dadas para que as confiemos ao mundo. A proclamação des-

tas verdades é a nossa obra. O mundo deve ser avisado e o povo de Deus deve ser fiel ao depósito a ele confiado... Não é de pouca importância o facto de que os planos de Deus nos têm sido tão claramente revelados. E um privilégio maravilhoso podermos compreender a vontade de Deus, como ela se revelou pela firme palavra da profecia. Tal facto coloca sobre nós uma pesada responsabilidade. Deus espera que nós levemos aos outros o conhecimento que Ele nos deu. É Seu propósito que os instrumentos humanos e divinos se unam na proclamação da mensagem de aviso.» (*Review and Herald*, Julho 28, 1904).

Não nos esqueçamos

Durante mais de cem anos a mensagem tem feito um grande progresso. Tem vencido grandes obstáculos e aberto o seu caminho através de barreiras quase insuperáveis. Hoje fala-se muitas vezes da obra adventista nos círculos religiosos. Chefes de outras denominações admiram-se como uma pequena igreja conseguiu abraçar o mundo com a sua obra das missões. Mas existe um grande perigo quando os homens falam bem de vós. A medida que aumentamos em número, aumenta o perigo de que deixemos aos comités e conselhos administrativos o acabamento da obra, esquecendo a nossa responsabilidade individual. O facto de que as ofertas para as missões, por cabeça, tinham diminuído fortemente durante alguns anos, até que a inflação do período da guerra lhe deu um impulso vigoroso, devia ser tomado em consideração por todos os crentes sinceros. Seria bom que cada crente se concentrasse durante um momento e perguntasse a si mesmo: Estou eu contribuindo para a causa de Deus, com o mesmo grau de consagração, devoção e sacrifício, com que o fizeram os pioneiros da mesma?

O irmão J. I. Robinson escreveu, em Agosto de 1939, na revista *Ministry*: «Como Adventistas do Sétimo Dia não podemos ignorar o problema, nem podemos estar inteiramente livres da sua influência. De facto, existe o perigo real que diminuía o entusiasmo, que nos levou há cerca de meio século atrás, a estabelecer um vasto programa de missões por todo o mundo, e que o espírito de sacrifício e de ofertas, arrefeça como aconteceu com muitos outros povos cristãos. Existe ainda o perigo de olharmos



O director da União contempla o campo de aviação nas Lajes, onde se fazem reuniões adventistas

desígnios. Mas porque haveria Deus de operar um milagre em nosso favor se não desejamos aceitar a Sua palavra?

Há nas mãos do povo de Deus meios suficientes para semear todos os países da Terra com a semente da verdade.

O mundo já há muito que teria ouvido esta mensagem da verdade, se todos os cristãos tivessem compreendido a relação que existe entre os seus bens e o reino de Deus,

para o grande programa missionário com desinteresse e começarmos a diminuir a nossa visão e os nossos planos quanto à possibilidade de levar esta mensagem a todo o mundo. Há também o perigo de que a nossa juventude perca o entusiasmo pelo trabalho das missões no estrangeiro». Se bem que nos regozijemos sabemos, contudo, que um maior trabalho se poderia ter feito.

Há anos que Deus tem posto o Seu dedo sobre as dificuldades. «A obra de Deus que poderia ser levada avante com um poder e efi-



Grupo de Irmãos na Iha das Flores — 1947

ciência dez vezes maior, é detida, assim como a primavera é retardada pelos ventos frios do inverno, porque alguns dos professos filhos de Deus estão-se apropriando dos meios que deveriam ser dedicados ao Seu serviço. Porque o amor do sacrifício de Cristo não se entrelaça nas práticas da vida, é que a igreja está fraca, quando poderia estar forte. Pela sua conduta têm afastado a luz e roubado a milhões o conhecimento do evangelho de Cristo.» (*Review and Herald*, Outubro 13, 1896).

Por trás de toda a falha em dar mais liberalmente está sempre a raiz do pecado do egoísmo. É este o inimigo número um. Onde o indivíduo vive só para si próprio, o trabalho de Deus não pode prosperar.

Há uma passagem em Judas que explica claramente este princípio: «Eles não cuidam senão deles próprios... são nuvens sem água.» (Judas 12 — Tradução Moffatt). Notem o pensamento: «Não cuidam senão deles próprios»... Tornam-se por isso vazios, nuvens sem água.

A irmã gêmea do egoísmo é a cobiça, à qual a Bíblia chama idolatria. A maldição da cobiça é que os homens são atraídos pelas coisas

que não possuem de forma que não acham prazer naquilo que têm. Isso torna um homem tão preocupado com essas coisas que não possui, que negligencia os verdadeiros valores da vida. A humanidade corre hoje loucamente para alcançar as coisas desta vida miserável e perecível. Disse certo escritor: «O bem-estar da riqueza tem-se tornado, de uma ou outra forma, a consideração dominante dos nossos dias». Lembro-me bem das palavras do irmão F. C. Gilbert, como ele dizia repetidas vezes: «Porque estariam os adventistas interessados em adquirir ouro, se Deus nos quer dar passeios de ouro para caminharmos?»

Presados irmãos e irmãs, não terá chegado agora o tempo de guardarmos os nossos tesouros no lugar próprio? Muitos são dominados pelas suas riquezas. Nós devíamos estar mais interessados acerca daquilo a que pertencemos, do que acerca do que nos pertence. Jesus avisa-nos continuamente contra a cobiça e a incerteza das riquezas. Ele quer que os homens saibam que a verdadeira riqueza não consiste na abundância das coisas que possuem. Disse Paulo: «Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos? (I Tim. 6:17). Aqueles que atravessaram a última inflação devem lembrar-se bem quão facilmente podem desaparecer as riquezas deste mundo. Admiro-me se muitos não esqueceram tal lição e estão novamente amontoando riquezas para serem consumidas nos últimos dias.

É oportuno considerarmos agora um extracto do Espírito de Profecia: «Aqueles que egolsticamente estão retendo os seus bens, não devem ficar surpreendidos se Deus os espalhar. Aquilo que deveria ter sido oferecido para o avanço da causa de Deus e tem sido retido, pode, por várias maneiras, ser levado. Deus lançará sobre tais pessoas os seus juízos. Muitas perdas serão sofridas. Deus pode espalhar os bens que concedeu aos Seus dispenseiros, se eles se recusarem a usá-los para Sua glória.» (*Southen Watchman*, Fevereiro 21, 1905).

A medida que vemos aproximar-se o tempo em que os juízos de Deus serão lançados sobre um

mundo impenitente, não deveríamos desejar que os nossos bens, que podiam ter sido dedicados à causa de Deus, sejam queimados no fogo dos últimos dias. Atentemos para o conselho do Salvador: «Ajuntai tesouros nos céus, onde nem a traça, nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam.» (S. Mat. 6:20). Ponderemos bem no assunto tal como o expõe o irmão R. G. Le Tourneau: «Não devo perguntar quanto do meu dinheiro devo dar ao Senhor, mas quanto do dinheiro do Senhor devo eu tomar para as minhas necessidades?»

O Espírito de Liberalidade é o Espírito dos Céus

O egoísmo só poderá ser vencido por uma inteira consagração pessoal. Aqueles que estão verdadeiramente convertidos desejarão trabalhar pelas almas. Aqueles que amam a Deus sobre todas as coisas têm prazer em contribuir com os seus recursos para o avanço da causa de Deus. Paulo diz-nos dos cristãos da Macedónia: «a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor...» (II Cor. 8:5). Então, numa severa prova de aflição, a sua abundância de gozo e a sua extrema pobreza redundaram numa riqueza de liberalidade. Quando um crente se dá a si mesmo, de corpo, alma e espírito ao Senhor, quando Ele tem o seu amor, lealdade e devoção, compreende o crente que não é mais que um dispenseiro daquilo que possui. Compreenderá como o apóstolo Paulo que, «não sois de vós mesmos, porque fostes comprados por bom preço... glorificai pois a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.» (I Cor. 6:19,20). Dirá então: «Senhor, que devo eu fazer com o meu corpo, minha mente, meu tempo, meus talentos, meu dinheiro?»

O melhor antídoto contra a cobiça e o egoísmo é cultivar o espírito de liberalidade. Moody disse uma vez: «Eu insisto com o povo de Deus para dar até sentirem e então continuarem a dar até que não mais o sintam». Contudo, o propósito de Deus em dar a cada um de nós uma parte no Seu plano, vai além do nosso pensamento de sociedade. A mordomia cristã tem a sua raiz no desenvolvimento do carácter. Deus deu-nos uma parte na Sua obra grandiosa para que nós possamos desenvolver o nosso carácter à semelhança do Seu. «A

alma generosa engordará, e o que regar também será regado.» (Prov. 11:25). «E à medida que nós atendemos a estes conselhos, pelo serviço abnegado e actos de benevolência, estamos-nos assemelhando àquele que por amor de nós se fez pobre. Ao darmos abençoamos outros e assim acumulamos as verdadeiras riquezas.» (*Counselo on Stewardship*, págs. 13, 14).

Nós devemos também considerar que onde há amor, deve haver também a manifestação do mesmo. Deus provou o Seu grande amor pelo homem dando o que tinha de mais precioso — Seu amado Filho. Na dádiva de Jesus Cristo à família humana, todo o céu foi entregue. Para que o homem se salvasse, Jesus deu tudo quanto tinha e por fim deu-se a si mesmo. «Contudo, Deus permite-nos que mostremos o nosso apreço pelas Suas misericórdias, esforçando-nos nós em entender as mesmas a outros. Esta é a única forma que temos de mostrar a nossa gratidão e amor a Deus. Ele não providenciou outra.» (*Counselo on Stewardship*, págs. 18,19).

Mas a espécie de dádiva que encontra a aprovação de Deus, não é oferecer uma fortuna, porque tal oferta é o resultado da emoção do momento — É aquela que é originária de um princípio, quando o indivíduo planeja contribuir regular e sistematicamente para o avanço da mensagem.

Dar traz a prosperidade material

Se bem que pareça arrojado, não é, contudo, despropositado num estudo desta espécie, mencionar que a prosperidade material e espiritual estão intimamente relacionadas com a liberalidade cristã. Escutai esta vibrante promessa do programa de empréstimo e arrendamento que Deus estabeleceu:

«Quereis ter segura a vossa propriedade? Colocai-a nas mãos que têm os sinais dos cravos da crucifixão... Dai-a a Deus e desde esse momento ela terá a inscrição do Seu nome. Será selada com a Sua imutabilidade... Quereis aumentar os vossos bens? «Honra ao Senhor com a tua fazenda»!... Dai a Deus o vosso tesouro terrestre. Dai agora o que puderdes e à medida que cooperardes com Cristo, abrir-se-á a vossa mão para dardes ainda mais. E Deus tornará a enchê-la, para que o tesouro da verdade possa ser levado a muitas

almas.» (*Review and Herald*, Dezembro 10, 1901).

Por isso devemos compreender que, quer os nossos bens sejam grandes ou pequenos, eles nos foram apenas confiados para que os administrássemos. As nossas propriedades devem ser administradas como sendo um depósito de Deus e pela nossa mordomia de tais bens treinamo-nos para cidadãos do reino eterno de Cristo. Jesus acentuou muitas vezes este princípio de fidelidade. Treze, das Suas trinta e duas parábolas registadas na Bíblia, tratam da mordomia cristã.

«Nunca deveríamos esquecer que estamos sendo postos à prova neste mundo, para se determinar se seremos aptos para a vida futura. Pessoa alguma entrará nos céus, cujos caracteres estejam manchados com traços viciados de egoísmo. Por isso, Deus põe-nos à prova aqui, confiando-nos bens temporais, para que pelo uso dos mesmos mostremos se seremos dignos de nos serem confiadas as riquezas eternas.» (*Counsels on Stewardship*, pág. 22).

É preciso agora um esforço conjugado

No que diz respeito à nossa obra, começámos um esforço importante na nossa pátria. Evidências dentro e fora da Igreja mostram claramente que a vinda de Jesus já não pode tardar muito.

Há profecias que estão agora em progresso para terem o seu cumprimento e que se relacionam com as últimas cenas da história do mundo. Somente um pouco de tempo nos resta ainda para fazermos o trabalho designado por Deus. Agora, que se abrem muitas portas que estavam fechadas até aqui, é o momento de «fortalecer as estacas e estender as cordas» para o progresso da obra das missões.

Se a mediocridade no serviço e em dar encontrou alguma vez as necessidades da causa de Deus no passado, esse tempo não é agora. «O povo de Deus tem diante dele um grandioso trabalho, um trabalho que deve aumentar continuamente até maior proeminência. Os nossos esforços missionários devem tornar-se mais vastos. Um trabalho mais decidido do que tem sido feito até agora, deve realizar-se antes da segunda vinda de

nosso Senhor Jesus Cristo. O povo de Deus não deve cessar o seu trabalho até que consiga abraçar toda a Terra.» (*Testemunhos*, vol. 6, pág. 23).

Não é agora tempo para hesitarmos e nos tornarmos vagarosos quando as últimas cenas da história do mundo estão sobre nós. Conta-se que certo homem rico construiu um palacete luxuosíssimo. Sobre o lugar do fogão da sala mandou inscrever estas palavras: «Simão Pedro estava ali e aquecia-se.» Aquela frase lembrava a experiência de Pedro na noite em que traiu Cristo e fora colocada ali no fogão daquela nova habitação, para lembrar aos seus ocupantes do perigo do conforto, perigo de que enquanto estivessem aquecidos, vestidos e alimentados, se esquecessem e negassem o seu Senhor.

O que é necessário agora é um esforço conjugado para o acabamento da obra. Quão animadora é a mensagem de Deus, para que nos últimos dias antes de terminar a provação, se veja entre o povo de Deus um tal movimento! «Nos últimos momentos, mesmo antes de terminar esta obra, milhares serão colocados alegremente sobre o altar. Homens e mulheres acharão um privilégio bendito participar no trabalho de preparação das almas, que hão-de permanecer de pé no grande



O Pastor Lourinho no seu «automóvel», nas Flores

dia de Deus e oferecerão centenas de escudos tão prontamente como agora dão apenas alguns escudos.» (*Historical Sketches of the Foreign Missions of the Seventh-day Adventists*, pág. 292).

Que o Senhor apresse o dia em que, através do derramamento do Seu Espírito, seja a Igreja remanescente constrangida a cumprir as instruções divinas e possamos reunir-nos finalmente no eterno lar.

O significado do nosso tempo para a Juventude Adventista

por L. A. SKINNER

«**T**U, pois, meu filho, fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus. E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros. Sofre, pois, comigo, as aflições como bom soldado de Jesus Cristo. Ninguém que milita se embarça com negócios desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra.» (II Tim. 2:1-4).

Os nossos dias são tremendamente significativos para a nossa juventude. Da fornalha da guerra saiu uma geração de homens que testemunharam o ódio, a crueldade e o derramamento de sangue, enfrentaram o perigo, experimentaram as emoções da luta e arriscaram as suas vidas. Agora que terminaram as hostilidades eles sentem que têm o direito de olhar para um futuro de paz e segurança. Contudo, os principais factores para construir uma tal segurança estão-se desintegrando em frente dos seus próprios olhos. A desilusão está levando os homens a fugir às realidades da vida através de prazeres excitantes, indulgência semanal e da intoxicação alcoólica. A avidez egoística por bens materiais caracteriza presentemente os homens e as nações.

É agora que Cristo está insistindo para que nos alistemos no exército do Príncipe Emanuel. É agora que Deus precisa dos jovens de ambos os sexos, que se tornarão fortes ao aceitar a Sua graça. São necessários soldados cristãos que possam suportar a dureza da luta em favor da verdade. Cristo necessita de homens e mulheres que não se embarcem com cuidados desta vida, mas que, com humildade, demonstrem ao mundo as virtudes da vida cristã. Louise C. Kleuser no seu poema, «Alerta ó Mocidade», lançou o seguinte brado:

A juventude adventista encontra-se numa posição vantajosa. Os nossos jovens sabem que Cristo está para vir muito em breve para

pôr fim ao pecado. Eles sabem que a única esperança do homem é estar em paz com Deus e fazer a Sua vontade. Os assombrosos acontecimentos mundiais não são mais que o cumprimento das predições bíblicas, avisando-nos da breve vinda de Jesus. Eles sabem que quando este evangelho do reino for pregado em testemunho a todas as nações enfão virá o fim.

«Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade; aguardando e apressando-vos para a vinda do dia de Deus... (II Ped. 3:11,12).

O Espírito de Profecia prediz que um exército de jovens anunciará rapidamente ao mundo, a toda a nação, povo, tribo e língua, as boas novas da vinda de Jesus Cristo. Quais são as características de um tal exército? Qual será o padrão de vida dos que comporão esse exército? Que experiências devem os filhos e filhas de Deus esperar ter de forma a estarem qualificados para essa hora solene?

Conhecimento do plano divino

Desde a infância devem os filhos dos crentes ser dedicados a Deus tal como Ana dedicou Samuel. À nossa juventude deve-se fazer compreender que Deus lhes concedeu vida, força e inteligência com o específico propósito de se tornarem seus mensageiros nesta hora crítica de história do mundo.

«Nunca antes houve um período de tempo em que resultados tão importantes dependessem de uma geração de homens.» (*Mensagem aos Jovens*, pág. 182). Esta tremenda responsabilidade que Deus colocou sobre a juventude dos nossos dias, não veio acidentalmente. Nas vidas de renúncia dos jovens leva Deus avante os seus designios. À nossa juventude pertencem as oportunidades do tempo presente. Noé aceitou o chamado de Deus e

nobrememente cumpriu ele o seu dever para com a geração antediluviana. Ester reconheceu a mão de Deus quando foi colocada no palácio real e não hesitou em arriscar a sua própria vida em favor do seu povo. A consciência de que fomos escolhidos para realizar alguma tarefa importante tem sempre como resultado a dedicação completa da nossa vida a um abnegado serviço para Deus.

Hoje, nos nossos lares, nas nossas igrejas e escolas, devemos fazer compreender aos jovens que a mais alta honra desta vida e o maior galardão que podemos receber se acham na participação activa em pregar ao mundo o evangelho eterno nesta geração.

Os nossos jovens devem saber que Deus e a igreja têm urgente necessidade da actividade missionária de cada um deles.

Deus chama a juventude à experiência da conversão

É absolutamente impossível a um jovem não convertido, compreender o que Deus espera de um soldado cristão nesta batalha final. O amor pela salvação das almas é um atributo do coração regenerado. Paulo tinha dentro de si esse amor pelas almas. Quando o Senhor lhe apa-



Família de Irmãos Adventistas nas Flores

receu ao dirigir-se para Damascó, não somente se regenerou o seu coração, mas também o seu futuro modo de viver foi completamente alterado. Novos e mais sublimes pensamentos de amor pelas almas penetraram no seu coração e aquele que outrora perseguira a igreja tornou-se o maior missionário de todos os tempos.

Contudo, isto não era fácil para Paulo, pois teria que quebrar os laços de amizade que o ligavam a seus companheiros e seus íntimos amigos. Ele encetou então longas e perigosas jornadas trabalhando



O M. V. nas Flores

para o Senhor. Ele foi perseguido, apedrejado, esbofeteado e odiado pelos homens, tendo sofrido tudo por amor do evangelho, a pregação do qual era a grande paixão que se tinha apossado da sua vida. Por natureza, Paulo não amava os homens. Ele havia sido um acérrimo perseguidor dos crentes. Mas quando Cristo entrou no seu coração, o amor tomou o lugar do ódio. Aquela vida que antes era orientada com o fim de desarraigar a causa de Cristo, tornava-se agora a mais ardente defensora da mesma. E assim deve acontecer conosco. Sabemos que amar o pecador perdido, não tomar em consideração os nossos esforços pelo avanço da causa de Deus, ser destemido e audaz ao testemunhar do Senhor, não é a inclinação natural da natureza carnal. Mas quando essa natureza se transforma, então o amor pelo próximo será o fruto natural de tal mudança.

«Mas o povo que conhece ao seu Deus se esforçará e fará proezas.» (Dan. 11:32).

O mero facto de pertencer à igreja, aparentar fidelidade na fé ou ainda um entusiasmo sintético pela verdade bíblica, nunca formarão uma base segura para operar proezas na obra de salvar almas,

a qual aguarda a juventude consagrada e humilde.

«A vida cristã não é uma modificação ou melhoramento da velha vida, mas uma transformação da própria natureza. Morre-se para o eu e para o pecado e brota em nós uma nova vida. Esta mudança só pode ser operada pela obra afectiva do Espírito Santo.» (*Mensagens aos Jovens*, pág. 157).

Antes que esta geração seja avisada por milhares de vozes, amplificadas pelo poder de Deus para proclamarem a terceira mensagem angélica, cada mensageiro terá que experimentar o poder transformador de Cristo. A juventude devia orar por tal experiência e a igreja devia planear e trabalhar para esse fim.

Apelo ao serviço

O mundo está hoje cheio de homens e de mulheres que procuram apenas a sua própria exaltação. Cada acção ou decisão são praticadas com o fim de obterem para si mesmos mais conforto, facilidades ou lucros. E em contraste com esta forte corrente da época que a nossa juventude deve exaltar o princípio do Salvador: «Mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande, seja vosso serviçal; e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo; bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos.» (S. Mateus 20:26-28).

A nobreza do serviço abnegado deve ser a insígnia daqueles que se alistam nas fileiras de Cristo. Em contraste com os que buscam a felicidade através dos prazeres mundanos, os verdadeiros missionários voluntários experimentarão o gozo genuíno que se encontra no serviço abnegado em favor do próximo. Tal como a candela que iluminando se consome, assim devem eles servir. É no serviço abnegado que se encontra o antídoto contra o egoísmo.

Nesse serviço não deve haver desânimo ou tristeza. A íntima comunhão com Cristo é verdadeiramente a fonte do gozo genuíno. O coração egoísta que só sente prazer em procurar servir os seus próprios interesses nunca poderá usufruir o gozo do Senhor. Uma alma assim não sentiria prazer no céu mesmo que lá pudesse entrar. Não saberia apreciar a atmosfera de vida e serviço que domina as cortes celestiais. Se a nossa juventude espera ter uma parte nos gozos do lar celestial e unir-se com os anjos em cânticos de verdadeiro prazer e louvor a

Deus, devem praticar já aqui esse espírito dos céus oferecendo as suas vidas para trabalhar abnegadamente em favor do próximo. E assim mesmo aqui na Terra aprenderão eles a apreciar a sabedoria do céu e antegozarão as delícias do lar eterno.

O conhecimento experimental das Escrituras

A luta final entre a verdade e o erro será travada sobre o sétimo dia. A observância do Sábado é o reconhecimento da autoridade do Criador e um sinal de lealdade a Deus. É sem dúvida a Bíblia a única fonte pela qual se conhece a vontade de Deus. Este livro é por isso o alvo do inimigo. Através da ciência, falsamente assim chamada, do modernismo, da dúvida e cepticismo está ele trazendo descrédito à palavra de Deus.

Neste tempo devem os jovens adventistas tornar-se verdadeiros campeões da Bíblia. Eles devem demonstrar um perfeito conhecimento tanto dos seus ensinamentos como do seu Autor. Devem familiarizar-se com o seu conteúdo de forma que, debaixo do poder de Deus, confundirão os poderosos quando forem levados perante os tribunais. Livres do erro por uma firme crença na verdade, devem avançar empunhando as armas escriturísticas.

A irmã White avisou-nos: «Os membros da igreja serão individualmente colocados em circunstâncias em que serão forçados a prestar testemunho da verdade. Muitos serão chamados a prestar declarações perante concílios e cortes de justiça, talvez sòzinhos. E a experiência que os teria auxiliado nestes momentos de emergência, negligenciaram eles obtê-la. As suas almas estão sobrecarregadas de remorsos por terem desperdiçado oportunidades e negligenciado privilégios.» (*Testemunhos*, vol. 5, pág. 465).

Temos ainda outro solene aviso: «Se Deus nunca falou por mim, virá tempo em que vós sereis levados perante concílios e cada princípio da verdade que sustentais será severamente criticado. O tempo que muitos estão agora desperdiçando, deveria ser devotado a aproveitar as oportunidades que Deus nos dá para nos prepararmos para esse tempo de crise que se aproxima.

Uma preparação para tal fim não se obtém pela leitura apressada e ocasional da Bíblia durante a semana. Em adição a um plano fiel de estudo pessoal da Bíblia, as

reuniões da juventude deveriam dar oportunidade a exercícios bíblicos, levando os jovens a decorar capítulos e a expor as principais doutrinas. Cada jovem devia ser disciplinado, treinado e eficiente no manejo da palavra de Deus, como Paulo aconselhou a Timóteo: «Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.» (II Tim. 2:15).

Nesta época de transigência e afastamento dos verdadeiros princípios, deve a juventude adventista caracterizar-se por uma firme e honesta defesa do que é justo e por uma constante luta contra o erro. Não é agora tempo para vacilar. Cada trincheira que a denominação estabeleceu contra os ataques do inimigo deve ser defendida com firmeza.

Neste terrível conflito, é preciso que cada soldado tenha a coragem de permanecer sôzinho na defesa dos rectos princípios, se necessário for. Que nunca se diga da nossa juventude de hoje, o que há 2.000 anos atrás Jesus disse de certos chefes religiosos daquele tempo: «Porque amavam mais a glória dos homens, do que a glória de Deus.» (João 12:43). A tendência actual de nos deixarmos influenciar pela opinião do mundo, está enfraquecendo a nossa linha de defesa contra o mundanismo. Pela graça de Deus haverá um fortalecimento das nossas convicções, para que não nos encontremos entre aqueles de quem é dito: «Pensam mais no aplauso

dos homens, sem se preocuparem com a desaprovação de Deus.» (*Mensagens aos Jovens*, pág. 129).

«Não ameis o mundo, nem o que no mundo há»; mas «amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração.» (I João 2:15; Lucas 10:27).

A necessidade do Espírito de Deus

Uma tarefa sobre-humana requer poderes sobre-humanos para assegurar o seu cumprimento. Deve organizar-se a juventude como um exército devidamente treinado. Devem ser-lhe ensinados métodos e planos. Mas acima de tudo, os olhares de todos devem centralizar-se em Cristo e Seu Espírito como o segredo da vitória: «Não por força, nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.» (Zac. 4:6). Ainda que aparentemente tudo se conjugue contra nós, devemos ter a fé expressa pela oração de Ezéquias: «Com ele está o braço da carne, mas conosco o Senhor nosso Deus, para nos ajudar, e para guerrear as nossas guerras.» (II Crón. 32:8).

A nossa juventude deveria ter uma visão clara e uma fé firme nas promessas de Deus que dizem respeito ao derramamento do Seu Espírito no tempo da chuva serôdia. Quando contemplamos as necessidades de milhões que ainda não foram avisados e vemos as fracas e inadequadas facilidades para levar a mensagem num curto período de

tempo, certamente que devemos ansiar pelo poder do Pentecostes, para que mais uma vez opere através dos instrumentos humanos, convertendo os corações dos homens e guiando-os à verdade.

Necessitam-se dirigentes corajosos

Os dirigentes deste exército de jovens não devem temer o impossível. «Porque para Deus nada é impossível.» (S. Lucas 1:37). O céu deleita-se em honrar a fé dos filhos de Deus aqui na Terra, na realização do impossível. Os jovens amam a aventura e as dificuldades das explorações arriscadas. Eles seguirão qualquer chefe que esteja desajustado de viver corajosamente, arrastando quaisquer dificuldades para o avanço da obra de Deus.

Qualquer dirigente com um verdadeiro senso da dependência da direcção de Deus, com uma visão perfeita do poder de Deus, e uma correcta compreensão do Seu amor pelos pecadores, alcançará êxito certo e assegurará uma colheita de almas abundante.

A juventude arrebatada segui-lo-á. A sua marcha rítmica e as suas vozes em unísono serão como uma estrela brilhante de esperança nas trevas de uma noite tenebrosa. Esta geração sentirá o poder das vozes destes jovens e milhares serão convertidos e regozijar-se-ão na gloriosa esperança do amanhecer de um novo dia.

Sábado, 6 de Dezembro de 1947

Levantai-vos e acabai a obra

por J. L. McELHANY

UMA das experiências mais emocionais da vida de Jesus encontra-se descrita no seguinte texto das Sagradas Escrituras:

Leiam S. Lucas 19:37-42.

Quando aquele acompanhamento chegava ao cimo do Monte das Oliveiras, a multidão que acompanhava Jesus rompeu em gritos de louvor e de alegria pelas maravilhas que observava. Ao descer a

encosta, Jesus viu a fita da cidade desdobrada diante dele. No meio dos coros entusiastas da multidão, o Mestre rebentou em lágrimas, chorou.

Como explicar esta explosão de sofrimento e tristeza no meio dos gritos de contentamento? Qual o motivo de tanta emoção e de sentimentos tão profundos?

Na sua frente estendia-se a cidade do Grande Rei. No espaço aproximado de mil anos fora esta cidade o centro da Obra de Deus.

Profetas, sacerdotes, reis e multidões, durante séculos e gerações tinham entrado e saído pelos seus portões. O templo fora conhecido como a casa de oração para todos os povos. Séculos antes desta data, esta verdade fora revelada pelo Profeta Isaías:

Leiam Isaías 56:6,7.

O Senhor colocara Israel naquela encruzilhada de nações é encar-

regara o Seu povo com a responsabilidade de iluminar as nações da Sua verdade:

Leiam Isaías 60:1-7.

De forma tão frizante e bela, o Senhor descrevera o Seu divino plano e propósito em favor do Seu povo de Israel. Nunca antes na história da raça humana houvera nação escolhida para realizar missão tão elevada e importante. Era uma tarefa sublime. Transcendia em importância e urgência toda a responsabilidade jamais colocada sobre os ombros de uma sociedade ou nação. Nenhum rei, potentado ou governador jamais fora encarregado de tão grande dever. Tinham de revelar Deus ao mundo. Tinham de O tornar conhecido no mundo. Tinham de demonstrar a Sua verdade, o Seu grande plano de salvação aos homens de todas as terras.

Mesmo antes desta tarefa, o Senhor convidara o Seu povo «a preparar-se para encontrar o seu Deus.» (Amós 4:12).

Mas o povo não ouviu nem prestou atenção. Tinham permitido que um espírito de acanhamento, de nacionalismo egoísta obscurecesse a visão do plano de Deus segundo o qual deveriam iluminar toda a Terra. Esqueceram-se do Deus de Israel e voltaram-se para os falsos deuses. (Juizes 3:7).

Agora, o próprio Grande Rei estava no meio deles. A miséria espiritual, a decadência mais profunda, lá estavam patentes aos Seus olhos. Aquele cuja presença encheria o templo quando da sua primeira dedicação, olhava para aquela cena simbólica. Podia ler a história do passado. Podia prever os acontecimentos futuros. Lá ia Ele chorando e predizendo de maneira infalível a destruição daquela cidade.

A página mais trágica em toda a história da obra de Deus pela raça humana é a lembrança do fracasso de Israel. E que lição, nós Adventistas do Sétimo Dia, poderemos retirar hoje das experiências de Israel? À medida que estudarmos e meditarmos sobre o tema da nossa comunicação para este último culto da nossa Semana de Prece, também pode ser que tivéssemos de chorar na presença de Deus para nos impressionarmos profundamente com a nossa grande necessidade. Necessitamos de conhecer as coisas que pertencem à nossa paz. Deveríamos orar fervorosamente para recebermos uma profunda acção do Espírito Santo, à medida que ponderarmos estas coisas, a não ser que

queiramos, nós também, falhar a resposta ao apelo de Deus.

Vivemos numa hora crítica da história do mundo. Ainda há pouco passámos pela segunda guerra mundial. Milhões de seres humanos pereceram nas violências da guerra, da doença, fome e outras causas. A despeito dos grandes progressos na ciência, nas letras, nas invenções, etc., o mundo está em trevas. A despeito das promessas de um grande mundo após a guerra, os condutores das nações não encontram solução para os males sociais, económicos e políticos do mundo. Os condutores religiosos estão perplexos perante as realidades das condições do mundo actual. Pregar um evangelho social não salvará nem um só pobre e perdido pecador. A esperança de salvar o mundo pela introdução nele do Reino de Deus, através de decretos políticos e legislativos cada vez mais se esvai, nestes dias em que, por toda a parte, existe «a angústia entre as nações» e em que «as trevas cobrem a Terra, densas trevas cobrem os povos».

Existe um remédio, um só, para todos os males do mundo — a vinda de Jesus, a destruição do pecado e do mal, o estabelecimento do reino de justiça. É para esta hora da crise mundial que este movimento e este povo se organizaram. Na grande profecia de Jesus lá estava: «Este Evangelho do reino será pregado a todo o mundo, para testemunho a todas as gentes e, então, virá o fim.» (S. Mateus 24:14).

Estas palavras proferidas por Jesus fixaram no plano divino que um movimento se levantaria com o fim e propósito de pregar a vinda do Senhor Jesus. Em cumprimento da profecia tal movimento apareceu no mundo exactamente no tempo previsto. Está representado na pregação da tripla mensagem angélica de Apocalipse 14 e é executada pelos Adventistas do Sétimo Dia. Sob a protecção divina, este movimento estende-se a todo o mundo. Está colocado em toda a parte, em posições estratégicas. Compreende o povo ou membros e instrumentos de execução da obra de Deus.

Nos tempos antigos, Deus colocara o povo que deveria executar o Seu trabalho na encruzilhada das estradas internacionais. Hoje, a ordem divina é que «este evangelho eterno seja pregado em todo o mundo para testemunho a todas as nações e, então, virá o fim». A expressão: «e, então, virá o fim» refere-se à vinda de Jesus e aos acontecimentos com ela relaciona-

dos. O que precede a Sua vinda é a pregação do Evangelho do reino a todas as nações da Terra. Logo o assunto da máxima importância é acabar de levar a mensagem da vinda de Jesus a todas as nações.

Os seguintes parágrafos dão ênfase à importância desta obra:

«Um grande trabalho deve realizar-se com o fim de colocar perante os homens as verdades salvadoras do Evangelho. É este o meio ordenado por Deus para deter a maré da corrupção moral. É este o processo para restaurar no homem a Sua imagem moral. É o Seu remédio para a desorganização universal. É o poder que aproxima os homens em unidade. Apresentar estas verdades é o trabalho da mensagem do terceiro anjo. *O Senhor designa que a apresentação desta mensagem seja o trabalho mais alto, mais importante, a executar no mundo, nesta época...*

«Toda a luz do passado, toda a luz que brilha no presente e alcança o futuro, revelada na Palavra de Deus, é para todas as almas que desejam recebê-la. A glória desta luz, que é a própria glória do carácter de Cristo, deve ser manifestada no cristão individual, na família, na igreja, no ministério da palavra e em cada instituição estabelecida pelo povo de Deus. Tudo este Deus designa como símbolos para o que deve ser feito em favor do mundo. Devem ser tipos do poder salvador existente nas verdades do Evangelho. São agências no cumprimento do grande propósito de Deus em favor da raça humana. O povo de Deus deve ser um canal por onde passe a mais alta influência no universo...

«O objectivo que Deus deseja realizar através do Seu povo, hoje, é o mesmo que desejou realizar através do Seu povo de Israel quando o retirou do Egipto. Na contemplação da bondade, da misericórdia, da justiça e do amor de Deus revelados na igreja, o mundo tem de contemplar a revelação do Seu carácter. É quando a Lei de Deus assim for exemplificada na vida, até o mundo será capaz de reconhecer a superioridade dos que amam e temem e servem a Deus, acima de qualquer outro povo na Terra. O Senhor tem os Seus olhos sobre cada membro do Seu povo; tem também os Seus planos para cada um deles. O Seu plano é que todos quantos pratiquem os Seus santos preceitos se distingam. Ao povo de Deus nos nossos dias como ao Israel de antanho dizem respeito as palavras escritas por Moisés

através do Espírito de inspiração: «Tu és um povo santo para o Senhor teu Deus; o Senhor teu Deus escolheu-te para seres um povo especial para Ele acima de todos os povos que estejam sobre a face da Terra.» (Deut. 7:6).

«Até estas palavras não são bastantes para expressar a grandeza e a glória dos planos de Deus a realizarem-se através do Seu povo.» (Test. vol. VI, págs. 11-13).

«O terceiro anjo de Apocalipse 14 é representado a voar rapidamente pelo meio do céu gritando: «Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus». Aqui fica indicada a natureza do trabalho do povo de Deus. Têm uma mensagem de tão grande importância que são representados voando para a levar ao mundo faminto dela. O amor de Cristo os constrange. É a última mensagem. Nenhuma mais se seguirá. Nenhuma outra mensagem de misericórdia deve ser dada depois desta ter feito o seu trabalho. Que depósito». Que responsabilidade repousa sobre todos que levam as palavras de gracioso convite. «E o Espírito e a Esposa dizem vem. E o que ouve diga, vem. E aquele que tem sede, venha. Todos quantos queiram tomem livremente da água da vida».

«Todos quantos ouvem digam, vem. Não só os ministros mas até o povo. Todos devem juntar-se neste convite.» (Idem, vol. V, págs. 206-207).

«Eis que venho depressa» declara Jesus «e a minha recompensa está comigo para dar a cada um segundo as suas obras.» (Apocalipse 22:12). O Senhor quando vier examinará cada talento. Pedirá juro do capital confiado. Pela Sua própria humilhação e agonia, pela Sua vida de trabalho e morte de vergonha, Ele pagou pelo serviço de todos os que empregam o Seu nome e professam ser Seus servos. Todos têm a profunda obrigação de melhorar as suas capacidades no trabalho de ganhar almas para Cristo. «Não sois de vós mesmos», disse Ele, «porque fostes comprados por bom preço», «portanto glorificai a Deus pela vida de serviço que ganhará homens e mulheres do pecado para a justiça.» (I Cor. 6:19,20). Fomos comprados por bom preço, pela própria vida de Cristo — comprados para que nos dediquemos a Deus num fiel serviço.

«Não temos agora tempo para entregar as nossas energias e talentos a empresas mundanas. Deixar-nos-emos absorver nos serviços do mundo, nos nossos e perderemos

a vida eterna e a bênção perene dos céus? Não podemos permitir tal coisa. Que cada talento seja empregue na obra de Deus. Os que recebem a verdade são, pelos seus esforços, chamados a aumentar o número de homens e mulheres que deverão trabalhar unidos a Deus. Almas devem ser iluminadas e ensinadas a servir a Deus com inteligência; devem estar a crescer de modo contínuo no conhecimento da justiça...»

«A vinda de Cristo está próxima, apressa-se grandemente. O tempo para trabalhar é breve e homens e mulheres estão a perecer. Disse o anjo: Não deveriam os homens que receberam grandes luzes cooperar com Aquele que enviou o Seu Filho ao mundo para dar luz e salvação aos homens?» Não deveriam os homens que receberam conhecimento da verdade, linha após linha, preceito após preceito, aqui um pouco, acolá outro pouco, mostrar o seu apreço por Aquele que vem a esta Terra, a fim de que o Seu poder divino possa ser a herança de cada alma crente? Seria assim que a divindade de Cristo se tornaria operante na salvação da raça e a intercessão do nosso Grande Sumo Pontífice seria obtível perante o trono de Deus. O plano foi delineado no céu. Deixarão os que foram comprados por tão grande preço de apreciar esta grande salvação?» (Idem, vol. IX, págs. 104-5).

Aqui fica o desafio perante nós. Temos uma responsabilidade imposta por Deus e muito maior e muito mais séria e solene do que a colocada sobre o Israel de antanho. O Senhor foi bom e misericordioso para conosco. Pelos ensinamentos da Sua Palavra e através dos conselhos do Espírito de Profecia falou com clareza sobre o nosso dever perante o mundo. No culto deste dia, deveríamos compreender de forma perfeita quais são as nossas relações pessoais perante o acabamento da obra de Deus. Não podemos nem devemos escapar ao apelo de nos levantarmos e esforçar-nos para acabarmos a obra.

Consideremos com muita seriedade o que significa este apelo. Acabar esta obra não será possível apenas por um recrudescimento enorme de energias humanas. Pregar mais sermões, fazer mais visitas missionárias, dar mais estudos bíblicos, publicar e fazer circular mais literatura, tudo isso são aspectos necessários para levar a mensagem de Deus ao mundo. Mas não esqueçamos de sublinhar que a obra necessária para acabar a proclama-

ção desta mensagem é de carácter espiritual e que a nossa maior necessidade é de poder espiritual e de vidas piedosas. A Igreja, formada de membros individuais, deve ser um canal para extravazar o poder espiritual. Tal poder deve ser manifestado na vida pessoal de cada membro. No lar, na escola, no escritório, na loja, onde quer que estejamos a trabalhar, este poder espiritual tem de se revelar para que sejam efectivos os nossos esforços.

Este meu apelo dirige-se também aos que seguem espiritualmente indiferentes. Incredulidade, recuos, apostasias também temos de evitar tudo isso. Práticas pecaminosas devem ser banidas após arrependimento. Os que são crentes apenas de nome deveriam levantar-se perante o perigo eterno e avançar para a posse do poder e bênçãos completos a receber de Deus. Todos nos devemos unir na prece pela chuva serôdia.

«Em todas as nossas igrejas deveria haver uma nova conversão e reconagração ao serviço. Não deveríamos nós, nos nossos futuros trabalhos, nas reuniões que possam ter, estar todos de *comum acordo*? Não deveríamos nós lutar com Deus em prece, pedindo que o Espírito Santo venha para cada coração? A presença de Cristo, manifestada entre nós, curaria a lepra da incredulidade que torna os nossos serviços tão fracos e sem eficiência. Necessitamos do sopro da vida divina sobre nós. Temos de ser canais através dos quais o Senhor envie luz e graça ao mundo. Precisamos de reconduzir os que se afastaram. Temos de afastar o pecado pela confissão e arrependimento, humilhando os nossos corações orgulhosos perante Deus. Dilúvios de poder espiritual serão lançados sobre os que estiverem preparados para os receber.» (Idem, vol. VIII, pág. 46).



Grupo heróico de Adventistas nas Flores

«Deus chama cada membro de igreja a entrar no Seu serviço. Verdade que não é *vívuda*, que não é *comunicada a outros*, perde o seu poder de comunicar a vida, perde a sua virtude curadora. Todos devem aprender a trabalhar e permanecer na sua posição como um portador de responsabilidades. Cada adição à Igreja deve ser mais uma agência para executar o grande plano da redenção. Toda a Igreja, agindo como um só homem, em perfeita unidade, deve ser uma agência viva, activa, missionária, movida e controlada pelo Espírito Santo.» (*Idem*, vol. VIII, pág. 47).

Apelo para cada crente, hoje, em todos os povos e nações para que ponderem séria e sinceramente a sua experiência pessoal perante Deus e os seus deveres individuais para auxiliar o acabamento da obra. Possam os nossos corações ser trespassados pela solene realidade que, terrível como foi o insucesso de Israel, mais vasto e terrível seria o nosso insucesso. Se falharmos agora em obter o auxílio do Senhor no acabamento da Sua obra, a linguagem humana não seria suficiente para nos dar termos capazes de descrever os resultados, tanto para nós como para os que deveriam aprender a ver o Cordeiro de Deus como Salvador e Redentor.

Insucesso? Para que teremos nós insucesso? Foi Deus quem delinhou o trabalho. Chamou-nos para cumprirmos o Seu plano. Deu-nos os recursos necessários. Pede-nos que povejamos os recursos humanos, consagrando o nosso tempo, talentos e serviços a Ele. Dá-nos a capacidade de ganhar dinheiro para sustentarmos a obra. Espera apenas que lancemos no acabamento dessa

obra todos os recursos que Deus nos deu e cada vez em maior quantidade. Ele acrescentará ainda os Seus recursos ao que espera de nós e desta maneira proverá o caminho e a maneira pela qual o seu trabalho terminará. Levantemo-nos e acabemos o trabalho. Abandonemos todo o pecado e apatia e com os corações cheios a transbordar de amor divino e de poder avancemos através de todas as nações, tribos, línguas e povos para executar o plano para o qual Deus organizou este movimento.

À medida que, nesta hora, sentirmos o Espírito de Deus a falar nos nossos corações, meditemos com solenidade nas seguintes afirmações inspiradas:

«A vinda de Cristo está agora mais próxima de nós do que quando aceitámos esta doutrina no princípio. A grande controvérsia chega ao seu fim. Os juizes de Deus estão na Terra. Falam em aviso solene e dizem: «Aprontai-vos, porque na hora a que não penseis o Filho do homem virá.» (S. Mateus 24:44).

«Mas há muitos, muitos nas nossas igrejas que pouco sabem do significado real da verdade para este tempo. Apelo para eles para que não percam de vista os sinais dos tempos que de forma tão clara afirmam estar o fim próximo. Ó! quantos que não procuraram a salvação da sua alma farão, em breve, amarga lamentação: «Passou a ceifa, o estio findou e a minha alma não está salva!»

«Vivemos nas cenas finais da história da Terra. A Profecia está a cumprir-se. As horas da provação passam rapidamente. Não temos tempo, nem um momento sequer a perder. Não dormamos no nosso

posto de guarda. Que ninguém diga no seu coração ou pelas suas obras: «O meu Senhor tarde virá». Que a mensagem da próxima vinda de Jesus ecoe em quentes palavras de aviso. Persuadamos homens e mulheres por toda a parte, ao arrependimento e a fugir da ira vindoura. Que eles sejam levados a preparar-se imediatamente. Nós pouco conhecemos do que nos aguarda o futuro. Avancem os ministros e obreiros para os campos maduros e digamos aos incautos e indiferentes que procurem o Senhor enquanto se pode achar. Os obreiros encontrarão as suas searas onde quer que proclamem as esquecidas verdades da Bíblia. Hão-de encontrar os que encontrarão a verdade e devotarão as suas vidas a ganhar almas para Cristo.

«O Senhor em breve vai voltar e devemos preparar-nos para o encontrarmos em paz. Ponhamos em nós a firme determinação de fazer tudo quanto em nós caiba para dar luz aos que nos rodeiam. Não precisamos de andar tristes mas, pelo contrário, alegres e devemos manter sempre Jesus diante dos nossos olhos. Em breve vai voltar e precisamos estar preparados para aguardar a Sua vinda. Como será glorioso vê-lo! Ser recebido com os Seus resgatados! Há tanto tempo que o esperávamos! Mas a nossa esperança não será vã, no Senhor. Se nós pudéssemos ver o Rei na Sua majestade e beleza ficaríamos para sempre abençoados! Sinto que devia gritar bem alto: «Marchemos para o Lar». Aproxima-se o tempo em que Cristo virá em poder e grande glória para levar os Seus resgatados para o Seu lar celeste.» (*Idem*, vol. VIII, págs. 252-253).

A oferta anual para as missões será tomada no culto deste Sábado



Oferta anual da Semana de Oração

Pedimos a todos os Obreiros e Dirigentes de Congregação que planeiem com as suas Igrejas uma colecta substancial, de harmonia com as necessidades da hora presente e com as possibilidades de cada núcleo adventista por eles conduzidos. O desmazelo é fácil de se introduzir em todo o nosso trabalho. Pouca coisa contribui para grandes êxitos e para grandes desastres. Num gravíssimo desastre de caminho de ferro, quando uma ponte pênsil desabou com o comboio e arrastou na morte centenas de passageiros, verificaram que tudo se teria evitado se a fis-

calização tivesse observado certo fio de arame da dita ponte! Por um fio de arame, centenas de cadáveres!

No ano de 1946, atingimos a maior soma até à data, na União; uns 8.000 escudos. Vejam na *Revista Adventista*, N.º 40. Contudo, na mesma revista, vêm indicadas Congregações que não fizeram tal colecta e até Missões. Outras Congregações apresentaram quantias que revelam apenas falta de interesse. Por que não fizeram umas Congregações e outras manifestaram falta de interesse? Apelamos para os Obreiros!

Missão Cabo-verdiana

Uma importante carta

Julho, 13 de 1947

Ex.^{mo} Sr.

António Dias Gomes
Lisboa — PORTUGAL

Presado Irmão Director

«Eis aqui, diz o Senhor, que vou fazer uma coisa, que qualquer que ouvir lhe tinirão ambas as orelhas». Esta passagem de Samuel teve hoje também o seu cumprimento quando recebi a sua carta, pois, não só ela, como também a «Revista Adventista» me pôs as orelhas a arder. Trata-se do trabalho feito em Cabo Verde durante o ano de 1946 que o Irmão acha fraco, e isto com os olhos postos no relatório que o Irmão Secretário-Tesoureiro apresentou às Assembleias.

Destaco duas frases da sua carta que dizem:

«No relatório apresentado pelo tesoureiro a missão de Cabo Verde figura em 1946 com 15\$00 para a Campanha» e: «A missão de Cabo Verde de 1943 a 1946 só aumentou em 6 membros»...

Junto estou enviando um relatório, com todos os dados exactos, que agradeço ao Irmão o favor de apresentar ao Irmão Tesoureiro e, depois de conferidos, transpô-los para a Revista. Agradeço que o faça, pois é justo que a Missão de Cabo Verde não apareça como um «pobre, cego e nu». Todos os membros da Igreja, quer do Fogo quer da Brava, foram uns «titãs» verdadeiros. Quem não vive nestas missões nunca poderá fazer uma pávida ideia do que seja a vida privada de cada membro. Nós temos membros que passam necessidades, membros que cada tostão vale cem, mas que são fiéis aos seus dízimos e nas suas ofertas. Quando vemos num relatório estatístico «a baixa» na Igreja de Cabo Verde, devemos pensar que cada membro é um pobre que nada tem. Os nossos irmãos podem ter a certeza que a maior parte dos alvos de Cabo Verde são atingidos, nos outros anos não sei, mas este são com os donativos do próprio pastor. Eu e minha mulher é que cobrimos todos os alvos porque não queremos que a nossa Missão apareça com os seus alvos por alcançar.

Não sei porquê, já no tempo em que aí estive no escritório assim era. O diabo parece que brinca com o número de membros de cada Igreja. No quadro comparativo que a Revista apresenta, diz ter a Missão de Cabo Verde, em 1943, 50 membros. Vejo aqui no relatório 49. De facto deve ser 49 e não 50. O Irmão diz: «a Missão de Cabo Verde de 1943 a 1946 só aumentou 6 membros». O dado apresentado não deve ser 50 membros em 1943, mas 49, pois que em 1946 ganhou-se 7, perfazendo assim os 56.

Estes sete foram ganhos 2 na Brava e 5 no Fogo. Contamos este ano poder apresentar um relatório superior não só em fundos entrados como também em almas alcançadas. Já este ano, aqui no

Fogo, baptizámos 4 almas e temos mais 9 que vão dar o mesmo passo.

Se Deus quiser podemos ver já o nosso alvo atingido com 15 almas em 1947. Não sabemos o que os Irmãos nos vão propor para 1948. Mas seja o que Deus quiser, nós estaremos cá para enfrentar qualquer «Golias» que nos queiram mandar.

Não é sem razão que deve abrir um parêntese para dizer alguma coisa da juventude. Ela cumpriu cabalmente o seu trabalho durante o ano de 1946. Distribuíram folhetos, espalharam convites, colaboraram comigo nas reuniões, etc., etc. O seu alvo aí está para responder por ela. Não veio fixado o alvo para este Departamento, mas eu o tomei à minha conta e risco marcando-o de 150.\$00. É de 100.\$00 o que nos mandaram agora para este ano de 1947. No entanto fizemos 200.\$00. Como já fiz notar, vim encontrar o Igreja do Fogo sem este Departamento, mas no fim do 1.º trimestre ele «deu a luz» e isto em 1946!

Este ano abrimos o Departamento de Correspondência. Já temos escrito dezenas e dezenas de cartas. Também acabei agora de tirar o Curso Bíblico por Correspondência, fornecido por «A Voz da Profecia». Com estas lições a servir de modelo abrimos um novo curso na nossa Igreja: «A Voz da Profecia de Cabo Verde».

Já temos seis alunos inscritos. Muitos mais se vão inscrever, pois estamos enviando agora as primeiras lições. Estes alunos são pessoas que moram a quilómetros de distância. Mais tarde, quando elas tiverem a completar o curso e bem preparadas, lá as irei procurar e depois de uma série de estudos irão também ingressar nas fileiras. Estou agora lutando com falta de uma máquina duplicadora. Bom seria que tivéssemos uma. Isto é um plano que vejo muita luz nele e não desejo que ninguém diga: «Isso talvez não dê resultado».

«Um obreiro não deve pensar nem muito menos falar em fracasso».

Sem mais, fico seu colaborador e amigo,

ARLINDO MIRANDA



Seminário Adventista — A porta do futuro para os jovens

Ao cair este número da *Revista Adventista* nas mãos dos Obreiros e Membros das Igrejas, o ano de 1947 está a terminar. Muitas das actividades iniciadas neste ano terão resultados em 1948. Nada impede, porém, que analisemos alguns aspectos das nossas actividades com o fim de maior e melhores êxitos.

Quatro pontos cardiais

São importantíssimos para a orientação terrestre ou marítima. Nós, povo adventista, temos também, na nossa vida colectiva de igrejas, quatro pontos cardiais: o nosso Norte é constituído pelos baptismos e adesões à Mensagem; sem baptismos as Igrejas morrem; se não fizermos baptismos, neste mundo por evangelizar, não cumprimos a missão que Jesus nos entregou; o Sul, a rectaguarda do nosso movimento, é constituído pelos Dízimos, sem os quais os Obreiros não poderiam executar a sua missão salvadora; o Leste, é constituído pela Campanha das Missões, sem a qual uma parte importante das nossas actividades missionárias, que não pudessem ser cobertas pela Escola Sabatina, teriam de fechar; o Oeste é a Grande Semana, importante complemento missionário e financeiro a todas as restantes actividades. Examinemos cada um destes pontos.

Baptismos e actividades missionárias

É natural que nem todas as Congregações tenham atingido o alvo proposto nas Assembleias da União. Às vezes há assuntos particulares a ajustar. Algumas pessoas vão ser baptizadas no primeiro trimestre de 1948. E, infelizmente, também pode haver uma ou outra congregação que não atinja o seu alvo, nem mesmo no primeiro trimestre do Ano Novo.

Às vezes, contudo, esse insucesso deve-se apenas a um descuido do Obreiro local. Não soube aproveitar

as oportunidades. Esqueceu-se dos nomes das pessoas interessadas, não organizou a sua classe baptismal a tempo, depois da classe baptismal organizada nem lista tem das pessoas que a frequentam, não procura o contacto pessoal com os assistentes às reuniões, não faz apelos, etc., etc. Nota-se sobretudo algumas destas deficiências nas congregações com grandes auditórios, onde o pregador não tem ajudantes e não pode, pois, abordar grande número de pessoas. Enquanto fala com uma, foge-lhe a outra. No entanto, julgamos que devem ser meditadas todas estas pequeninas coisas e melhorar a actuação.

Um sermão ou conferência que não tenha um apelo amável e caloroso para a conversão e para a junção com a Igreja, não presta, foi apenas estar a perder o tempo e o dinheiro gasto. Quanto mais não valeria não fazer tais serviços e limitar-se a visitar as pessoas interessadas e os membros da Congregação. Nas casas destes há sempre outras pessoas que podem ser chamadas à Fé.

Não vale a pena manter um evangelista no campo se não houver baptismos na sua Igreja. Ele devia ser o primeiro a demitir-se e não esperar que lhe dêem a demissão. A situação de um evangelista é tão trágicamente importante que, com certeza, receberão uma maldição de Deus todos os que não somente o não auxiliam mas ainda procuram escangalhar o trabalho realizado com tanto sacrifício pessoal e colectivo.

Em resumo: façamos os impossíveis para que sejam alcançados os objectivos de baptismos. Cada baptismo realizado numa congregação equivale a uma injeção de encorajamento no corpo da mesma.

Os Dízimos

Sem eles, a quase totalidade dos nossos trabalhos de evangelização teriam de parar. Só um ou outro raro Obreiro poderia acumular os dois trabalhos de prover

Relatório Financeiro da União Portuguesa

2.º Trimestre de 1947

	Dízimos	Escola Sabatina	13.º Sábado	Campanha
Conferência	69.053\$39	8.732\$40	1.797\$80	31.232\$50
Madeira	4.957\$90	705\$60	216\$20	—
Açores	3.468\$20	597\$65	162\$70	—
Cabo Verde	5.561\$11	367\$95	58\$70	989\$50
S. Tomé	3.505\$10	453\$70	394\$70	—
<i>Totais</i>	<i>86.525\$70</i>	<i>10.857\$30</i>	<i>2.630\$10</i>	<i>32.222\$00</i>

Notas importantes

Missão Cabo-verdiana — Digno de nota o Dízimo desta missão no segundo trimestre. Cabo Verde pode tornar-se um campo de evangelização de primeira importância.

Missão Madeirense — Alcançou galhardamente o seu objectivo trimestral da Escola Sabatina e do 13.º Sábado. Infelizmente ficou bastante abaixo deles a Missão Açoriana e de S. Tomé. Pode ser que melhorem a situação noutro trimestre.

Relatório Financeiro da Conferência Portuguesa

2.º Trimestre de 1947

	Dízimos	Escola Sabatina	13.º Sábado	Campanha
Lisboa	29.295\$25	2.620\$50	352\$20	17.435\$65
Porto	11.179\$15	1.995\$30	486\$90	6.269\$50
Portalegre	1.137\$15	747\$50	92\$90	415\$20
Tomar	3.973\$45	530\$05	150\$00	1.441\$65
Coimbra	3.369\$80	241\$70	154\$00	1.028\$60
Barreiro	928\$25	318\$90	54\$10	1.282\$70
Setúbal	3.304\$70	593\$60	61\$70	—
Vila Real	1.902\$20	277\$00	130\$00	1.437\$60
Niza	893\$99	125\$00	40\$00	—
Ribeira de Niza	287\$30	261\$55	52\$50	—
Seminário	12.764\$35	1.021\$30	223\$50	1.921\$60
<i>Totais</i>	<i>69.053\$39</i>	<i>8.732\$40</i>	<i>1.797\$80</i>	<i>31.232\$50</i>

Alvos da Escola Sabatina — Ultrapassaram os seus objectivos: Lisboa, Porto, Coimbra, Tomar, Barreiro, Setúbal, Portalegre, Seminário (um grande excesso), Ribeira de Niza, Vila Real.

ao seu sustento e de evangelizar. Compete, pois, aos Obreiros e conselhos das igrejas a pesada responsabilidade de olhar para o livro dos Dízimos e fazer planos que façam manter e elevar os Dízimos dos anos anteriores. Não desempenha cabalmente a sua função o Obreiro que não estude seriamente a questão dos Dízimos. Às vezes, muito raramente, a situação económica dos membros está tão baixa que os Dízimos fatalmente têm de baixar. Mas em geral o que há é até um simples esquecimento, tão raras vezes o Obreiro fala dos Dízimos e tão nulos são os planos por ele feitos. Também neste capítulo se vê, às vezes, influências políticas — este ou aquele membro não paga dízimos sob pretexto de não gostar do pregador. Mas, em geral, sempre que o Obreiro se preocupa com a questão, vê-se um aumento nesse parágrafo financeiro ou, pelo menos, a manutenção do «estatu quo».

Campanha das Missões

Temos visto sempre ultrapassado o nosso objectivo financeiro desde há muitos anos a esta parte. Mas, se não prestarmos atenção, notam-se sinais indicadores de que, num futuro próximo, não acontecerá o mesmo. É que, em regra geral, não são as Igrejas que alcançam os alvos propostos mas sim elementos ocasionais, saídos do Seminário ou na expectativa de entrar para ele, quem vai alcançar para esta ou aquela Igreja o dinheiro do seu alvo. O mais ideal seria que cada Obreiro e cada Igreja alcançasse o alvo proposto e deixasse que os tais elementos trabalhassem por fora das Igrejas. Se o Seminário fechar, deixaremos de alcançar os alvos das Missões? Os alunos do Seminário deveriam trabalhar para o alvo do Seminário, que teria de ser mais elevado. Desta forma, serviria tal trabalho para treino das futuras gerações de Obreiros e Obreiras. Seria um benefício. Ao passo que, nas condições actuais, é um malefício amável.

Todos os Obreiros cuja Esposa e Família dão a sua colaboração entusiasta ao trabalho da Campanha das Missões, alcançam e ultrapassam os alvos. Família de Obreiro que nada faça na Campanha é um motivo de desânimo dentro da Igreja dirigida por ele. Sempre que queiram ver uma Igreja mover-se em linha de batalha coloquem-se à sua frente e ponham, logo na fila de trás, os membros da vossa família.

Os Irmãos e Irmãs que trabalham com êxito na

Campanha das Missões não são os *descarados*, os que não têm vergonha, os que gostam mais de *pedinchar do que de dar* mas sim os envergonhados, tímidos, amigos de auxiliar Jesus a levar a Sua cruz ao mundo inteiro.

A Grande Semana

Também chamada **Fundo de Extensão Missionária**, tem o duplo fim de fomentar o trabalho da colportagem, levando os nossos livros e revistas ao conhecimento do maior número de pessoas e o produto financeiro reverte para a execução de certos planos missionários. Comparada à Campanha das Missões é um pequeno esforço. Os obreiros, além da sua activa participação, são chamados a contribuir com um dia de salário.

Estamos justamente chegados ao fim dessa Semana. Pode ser que o nosso leitor não tenha podido ainda fazer qualquer coisa para esse objectivo. Caso seja possível, Deus lhe agradecerá o que puder fazer e dar.



A nossa Obra portuguesa recebe um auxílio financeiro que muito gostaríamos e muito importaria ver diminuído e até abolido. Precisaríamos bastar-nos a nós mesmos e ainda ajudar os outros. É humilhante a posição daquele que tem de depender dos outros de uma forma tão completa como nós, Adventistas Portugueses. Os nossos antepassados foram sempre amantes da liberdade. Ainda há meia dúzia de anos, o delegado português na Sociedade das Nações se recusou a receber um empréstimo financeiro sob condição de fiscalização estrangeira dentro de Portugal. Foi recebido apoteoticamente. Portugal dobrou-se sobre si mesmo e alcançou endireitar as finanças do Estado de tal modo que foram pagas as dívidas e ficou na caixa um «superavit» apreciável. Pois bem, o Adventismo Português necessita da mesma posição e a única maneira possível de a obter é aumentar o número de Adventistas, redobrar os esforços nas Campanhas e deter as despesas ou mesmo reduzi-las.

A. DIAS GOMES

DEPARTAMENTO DAS PUBLICAÇÕES

Relação das vendas do mês de Julho de 1947

Nomes	Livros	Revistas	Total
Jaime Camacho e J. Nogueira	3.120\$00	—	3.120\$00
Samuel José e Vitor Manuel	3.030\$00	—	3.030\$00
Maria Luísa Saboga	—	2.025\$00	2.025\$00
José Carrilho e João Pestana	1.980\$00	—	1.980\$00
Idalina Ferreira	—	1.390\$00	1.390\$00
Américo Ribeiro e A. Caldeira	1.300\$00	—	1.300\$00
Afonso António	1.170\$00	—	1.170\$00
Missão Açoriana	565\$20	374\$25	939\$45
Augusta Nunes e Alice Baptista	—	695\$00	695\$00
Ilídio da Piedade Gomes	420\$00	—	420\$00
Olávio da Glória Sacramento	330\$00	—	330\$00
Totais	11.915\$20	4.484\$25	16.399\$45

O Chefe dos Colportores da União
SAMUEL REIS

Relação das vendas do mês de Agosto de 1947

Nomes	Livros	Revistas	Total
Samuel José e Vitor Manuel	3.865\$00	—	3.865\$00
Carlo» Mateus e Colega	2.760\$00	—	2.760\$00
Lídia Mendes e Amália Branco	—	2.630\$00	2.630\$00
Helena Máximo e Júlia Sanches	—	2.606\$00	2.606\$00
Jaime Camacho e J. Nogueira	1.470\$00	—	1.470\$00
Maria Luísa Gonçalves Saboga	—	1.125\$00	1.125\$00
José Carrilho e João Pestana	780\$00	—	780\$00
Olávio da Glória Sacramento	745\$00	—	745\$00
Afonso António	715\$00	—	715\$00
Elisa de Jesus Simões	—	713\$00	713\$00
Missão Açoriana	30\$50	555\$00	585\$50
Américo Ribeiro e A. Caldeira	570\$00	—	570\$00
Augusta Reis Vasco	—	385\$00	385\$00
Ilídio da Piedade Gomes	330\$00	—	330\$00
Idalina Ferreira	—	310\$00	310\$00
Totais	11.265\$50	8.324\$00	19.589\$50

A Missão Açoriana

≡≡≡ Movimenta-se! ≡≡≡

Transcrevemos a seguinte carta recebida do Pastor M. Lourinho:

Angra, 4 de Agosto de 1947

Ex.^{mo} Sr.

Pastor Dias Gomes

Presado Irmão Gomes

Pelo telegrama que enviei há dias já o Irmão sabe que tenho estado na Terceira e hoje, tomo, com muita satisfação, um pouco de tempo para lhe falar das nossas actividades.

Antes do Irmão Lutero seguir para as Flores as coisas estavam encaminhadas para que tivéssemos à nossa disposição a Capela da Base de Lages. Como o Irmão Lutero deverá estar nas Flores pelo menos um mês, e ainda se não tivesse firmado o assunto na Base e iniciado o trabalho na Capela, resolvi vir iniciar o trabalho, não fosse o diabo segregar alguma coisa ao ouvido do Capelão e pregar-nos alguma partidinha. Graças a Deus fui muito bem recebido e pudemos assentar no assunto, ficando a Capela à nossa disposição sempre que quiséssemos. O Capelão Melugin foi até ao ponto de, ontem mesmo, dia da primeira reunião, pedir a todos que frequentassem as nossas reuniões, dizendo que estávamos fazendo um bom trabalho para Deus. Ele mesmo tem sido tão amável, que nos veio buscar e trazer no seu carro e veio à tipografia para encomendarmos os convites. Na reunião de ontem ele mesmo entregou pacotinhos de convites aos seus membros para que os distribuíssem entre os amigos. Ficou muito contente com a reunião e dizia-me à saída: «O Capelão católico disse-me ontem que eu fazia mal em vos dar a liberdade de usar a nossa Capela porque, diz ele, vós roubareis os nossos membros. Eu respondi que vós roubareis os dele, ensinando o Evangelho, e não os nossos».

O homem tem um bom espírito e ele mesmo teve a amabilidade de ler uma explicação do filme, em inglês, simultaneamente com a minha explicação. O homem estava muito contente; convidou-me depois a jantar com ele e mandou o seu ajudante trazer-me a Angra. Tenho orado para que este tra-

balho possa perdurar e seja o meio de ganharmos almas naquele lugar que, por uma vez, levarão a Mensagem para muitos outros sítios.

Tenho continuado também as reuniões em Ponta Delgada e a máquina que estamos usando é um bom auxílio. A sua visita à Missão Açoriana, como vê, está dando seus frutos e creia que, pessoalmente, me congratulo com a oportunidade que tivemos em fazer planos concretos para o trabalho, e apreciei o espírito de magnífica colaboração e camaradagem que o Irmão trouxe e cá deixou.

Temos uma outra boa experiência a contar. Nos princípios de Julho tivemos connosco, em Ponta Delgada, uma Irmã que vivia na Califórnia há 39 anos. Ela vem de visita ao Pico, sua terra natal. Acompanha-a um irmão. Seu marido foi de visita à sua terra, Noruega. Ela veio visitar seus parentes só no interesse de lhes dar a mensagem. Ela tinha um hospital que vendeu antes de vir e está disposta a custear uma casa para o trabalho no Pico. Trouxe malas de roupas para os pobres, e brinquedos para as crianças, foi uma grande generosidade para os pobres em Ponta Delgada. Levou um bom carregamento de livros e folhetos para iniciar ali o trabalho. Estou certo que não tarde a chamar-nos para darmos um salto até ao Pico e realizar reuniões. Estou pedindo a Deus para que tenha sido este o momento por Ele escolhido para iniciarmos a obra naquela ilha. O nome dessa Irmã é Lídia Lima Madsen. Estiveram uns 12 dias connosco em S. Miguel. O início do trabalho no Pico favorecerá muito também o trabalho no Faial, visto a proximidade das duas ilhas e a facilidade de comunicação entre elas.

Bem, Irmão Gomes, quis dar-lhe estas agradáveis notícias, sabendo como o Irmão as aprecia. Envio junto os respectivos convites que fizemos e que marcam, pela sua originalidade, em duas línguas (e também dissemos em inglês o que pudemos aos americanos que lá estavam), uma nota digna de registo na história do nosso trabalho na Missão Açoriana.

Termino aqui, fazendo votos pela sua saúde e agradecendo todo o seu apoio e auxílio, ficando, como sempre, colaborador amigo e grato,

MANUEL LOURINHO

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

••

Cont. e Ilhas Colónias

Número evulso. 1\$50 2\$00
Assinatura anual 7\$50 10\$00

Redacção e Administração:
Rua Joaquim Bonifácio, 17

••

Composição e impressão:
Tip. Gomes & Rodrigues
32, Rue des Picoes, 34—LISBOA

DIRECTOR: A. DIAS GOMES